



Chrys Chrystello\*

# A arte de viver em toda a sela

Quando além da doença crónica da mulher sou confrontado em poucos dias, com a morte da minha mãe, dois primos e um colega de liceu vitimados pelo bicho apenas resta uma solução como a do Marquês do Pombal “Sepultar os mortos e cuidar dos vivos”. Agradeço a dádiva de ter beneficiado de 97 anos e dez meses de vida de quem me trouxe ao mundo, e que – ironicamente – dizia em tenros anos “ninguém me pediu para ser nascido”, e mais recentemente acrescentava “já que nasci, o melhor é não me queixar enquanto estou vivo”.

Em tempo de crise, o melhor é lembrar as cumprimentos com o filho mais novo Por isso perdi-me a visitar fotos de há 24 anos e a sorrir aos momentos felizes que retratavam mesmo que nem todos estejam cá conosco para os recordarmos juntos...

Não me queixo apenas constato, desabafo e reajo com imagens de momentos de dias felizes com o mais novo, o resto é passado, ele é futuro e eu (entretanto) passei para a linha da frente.

A isto tudo assisto, ao desabar do mundo, da civilização ocidental, ao avanço da pandemia e do medo; à destruição de vidas e planos e a esta enorme impotência que a todos assola, sem respostas nem soluções para a mortandade, esta e as outras todas que deixaram de ser importantes, sejam elas o cancro ou a fome e guerra.

Assisto pouco mais do que mudo e calado - enquanto vou digerindo lentamente as vicissitudes da vida e da morte com a minha perspetiva oriental de que a morte não é senão uma fase da vida.



Assim como à infância se sucede a juventude e a adolescência, a vida adulta, a madura e a terceira idade, a estas normalmente, segue-se a morte que é um estádio diferente, quando o eu se desliga das vestes terrenas, o corpo. Sem lágrimas, nem culto dos mortos, esse novo estádio pode ser encarado de várias óticas que normalmente são estigma na vida do mundo ocidental.

Também se não professam aqui crenças de 72 virgens nos céus islâmicos. Aceito-a apenas como uma etapa natural e não um fim, em si. Tanta memória e recordação que borbulharam à tona dos sentimentos, trazendo-me, de volta, à realidade da efémera passagem por esta vida e acreditem, devo sentir-me grato por ter vivido 71 outonos tão ricos e variados como os que passei em Timor, Macau, Bali, Austrália, Bragança e Açores e tantos os sítios que visitei e pelos quais me apaixonei, 26 deles

na companhia da minha mulher que sempre me serviu de muralha protetora e catapulta de sonhos concretizados e com a presença deste quarto filho em 24 anos de lutas, desgostos, desilusões, alegrias e vitórias que juntos compartilhamos.

É isto o ciclo vital e não adianta derramar lágrimas como disse António Gedeão

*olhei-a de um lado,  
do outro e de frente:  
tinha um ar de gota  
muito transparente.*

*Mandei vir os ácidos,  
as bases e os sais,  
as drogas usadas  
em casos que tais.*

*Ensaiei a frio,  
experimentei ao lume,  
de todas as vezes  
deu-me o que é costume:*

*nem sinais de negro,  
nem vestígios de ódio.  
Água (quase tudo)  
e cloreto de sódio.*

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 (Australian Journalists' Association MEAA)

Tiago Matias\*  
tasmatis@gmail.com

# Anúncios de Emprego: Confiar, Desconfiando

Pode o leitor, legitimamente, considerar o título cínico. Há uns anos atrás registei uma frase de uma formadora: “sobre esse assunto, devemos confiar, desconfiando”. Escalpelizemos. Então devemos desconfiar dos anúncios de emprego? Eles não são uma coisa boa? Sim e não. Tem dias.

Quem procura emprego deve observar sempre os vários anúncios de emprego com que se vai comparando. Não se é mais ou menos bonito, mais ou menos artístico, se tem melhores ou piores condições.

A observação deve ser outra. O anunciante é reputado, uma entidade credível e fortemente implantada? O anúncio faz sentido ou é para “vender gelados no inverno e chocolate quente no verão”? O anúncio tem demasiado texto a explicar os grandes atributos do empregado e pouquíssimo texto a descrever as funções, o perfil pretendido e as condições sob as quais se pretende estabelecer a relação laboral?

O anúncio é omissivo em tudo o que importa? Estamos perante um “anúncio mistério”, do tipo “contacte-nos que depois logo lhe dizemos como tudo se vai passar”? O anúncio exhibe várias vias de contacto com o empregador ou pede respostas para emailcriadoapenasparaisto@maildescartavel.pt? O anúncio é recorrente, dando a entender que “ninguém quer, ninguém pode com isto”? Parece demasiado bom para ser verdade?

Bom, se chegou até aqui, talvez já pense que o melhor é desconfiar de tudo e de todos e atirar a toalha ao chão. Não é esse o caso.

Existem muitas ofertas de emprego credíveis que todos os dias vão surgindo na nossa praça.

Considere como bons sinais verificar se se trata de uma entidade conhecida, estabelecida ou em ascensão; Google se necessário. Se encontrar boas ou más referências, poderá tomar a sua decisão. Se não encontrar nada, desconfie. Qualquer leigo cria uma conta nas redes sociais em poucos minutos.

Observe se se trata de um anúncio logicamente organizado, que explique quem procura, do que se trata, o que se pretende e como se concorre. Apresentar vários canais de comunicação (website, redes sociais, email, contacto telefónico) é sempre bom sinal. Quem não deve não teme. O anúncio pode não dizer diretamente quem contrata, mas se cumprir as regras anteriores e disser algo como “empresa com forte implementação” ou “empresa na área de...” e cumprir as regras anteriores, deverá ser credível. Existem motivos pelos quais as entidades poderão optar pelo anonimato como, por exemplo, não dar a entender à concorrência que estão a recrutar.

Atente nisto e lembre-se que não é apenas a organização que escolhe o candidato, o candidato também escolhe onde vai e onde não vai. Confie, sempre desconfiando.

\*Editor empregonosacores.blogspot.pt